

Movimento Feminino: Distinção entre Movimento Social e Ideologia Feminista

Jaciara Reis Veiga (FCS/UFG)

Brenda Maria Rodrigues dos Santos (FCS/UFG) – DS/CAPES

*“Se o feminismo não é outra coisa senão
benefício pessoal disfarçado de progresso
político, então não é para mim.”*

Jessa Crispin

Resumo: O presente trabalho busca fazer uma análise acerca da relação entre movimento feminino e feminismo, com o objetivo de evidenciar as diferenças existentes entre ambos. O movimento feminino é um movimento social, cujo grupo social de base é o das mulheres, que se mobilizam através de diversas formas, tais como: produção intelectual, manifestações, reivindicações sob diversos meios, se manifestando contra determinadas situações específicas, como a inexistência do voto feminino, a liberdade corporal, a desigualdade no trabalho, a opressão, o sexismo, etc., mostrando sua insatisfação e desenvolvendo senso de pertencimento e objetivos comuns. O movimento feminino possui várias ramificações com variações nos tipos de manifestações, doutrinas concorrentes e ideologias. Sendo assim, não podemos confundir o movimento social em sua totalidade com as diversas ideologias, organizações, concepções que surgem no seu interior. Nossa pesquisa, portanto, se fundamenta na distinção entre movimento social, o movimento feminino, e feminismo, um fenômeno cultural ideológico.

Palavras-chave: Movimentos sociais. Movimento feminino. Feminismo

Na atualidade, os movimentos sociais se tornaram temas de pesquisa cada vez mais presentes na produção intelectual, ampliando as análises e fortalecendo a necessidade de reflexões teóricas e conceituais, tanto gerais, como específicas. Eles possuem um significado político, são parte das lutas de classes e das lutas sociais contemporâneas. No interior de cada movimento, há uma luta por hegemonia, onde suas tendências acabam reforçando um lado ou outro na luta política, demonstrando, assim, a importância política da análise e reflexão teórica sobre os movimentos sociais.

O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma análise acerca da relação entre movimento feminino e feminismo, buscando evidenciar a diferença entre eles. Para compreender o movimento feminino e a ideologia feminista é necessário destacar alguns pontos importantes acerca dos movimentos sociais de um modo geral. Os movimentos



sociais são movimentos compostos por grupos sociais que, segundo a definição de Viana (2016), é um conjunto de indivíduos que possuem aspectos em comum, tais como a constituição física, a cultura, demandas sociais, projeto político etc., isto é, um conjunto de indivíduos que tem algo em comum e que os integra de forma específica na sociedade sendo, portanto, sociais.

Os grupos sociais não produzem um movimento social se não houver uma mobilização, ação coletiva ou compartilhada. Assim, eles são a base dos movimentos sociais, mas não produzem automaticamente um movimento social. Os grupos sociais podem ser diferenciados em três tipos: orgânicos, situacionais e culturais. Destacamos aqui, os grupos sociais orgânicos, cuja unidade se encontra em sua corporeidade, como é o caso do movimento feminino (VIANA, 2016). Eles são compostos por aquelas pessoas que realizam alguma mobilização, ação coletiva ou compartilhada, ou seja, são uma parte efetiva. Mas nem todas as pessoas fazem parte de um movimento social – nem todas as mulheres são integrantes do movimento feminino ou nem todos os estudantes fazem parte do movimento estudantil, por exemplo. O objetivo ou finalidade é outro elemento importante que constitui um movimento social – “a finalidade varia em decorrência de qual grupo, situação, insatisfação, se trata, bem como a forma assumida por seu senso de pertencimento e sua mobilização” (VIANA, 2016, p. 39). Partindo desse pressuposto, o movimento feminino, tido aqui como enfoque, pode ter várias finalidades, a saber: a igualdade entre sexos, a supremacia feminina, ou ainda meras reivindicações, como maior participação no processo eleitoral, por exemplo.

Outra característica muito importante dos movimentos sociais que é fundamental para entendermos a diferença entre movimento feminino e feminismo é a questão das suas ramificações. De acordo com Viana (2016), uma adequada compreensão dos movimentos sociais torna possível a percepção de que eles produzem ramificações. Um movimento social pode ser considerado um caule do qual brotam diversos ramos. As ramificações são derivações dos movimentos sociais e parte deles, sem ser sua totalidade ou o próprio movimento, mas apenas uma ramificação ideológica do mesmo,

Os movimentos sociais podem gerar ramificações, tais como doutrinas, ideologias, teorias, representações, organizações informais ou formais, tendências, etc. Essas ramificações não se confundem com eles, são partes e não o todo e que podem deixar de ser, como uma organização que se autonomiza e passa a ter interesses próprios ou uma concepção de um autor que ganha um desenvolvimento que rompe com o seu vínculo com o movimento social (VIANA, 2016, p. 43).

Por conseguinte, dentro dos movimentos sociais surgem também tendências que podem gerar organizações ou se tornarem organizadas – essas tendências ou orientações políticas surgem sob a forma de ideologia, doutrina, teoria, utopia, representações cotidianas

etc. Os movimentos sociais por estarem envolvidos na dinâmica cultural da sociedade capitalista, estão submetidos à produção cultural da sociedade burguesa. Sendo assim, a mentalidade e hegemonia burguesas são grandes obstáculos para o desenvolvimento da consciência de classe, pois os proletários se encontram submetidos a elas. Viana (2016), afirma que mentalidade burguesa é produzida e reproduzida espontaneamente pela quase totalidade da população, no entanto, ela é reforçada pela hegemonia burguesa e do capital comunicacional. Podemos entender a hegemonia burguesa como “manifestação da mentalidade burguesa, como valores secundários, concepções políticas, pedagógicas, etc., bem como opiniões e outros processos intelectuais mais complexos, como determinadas ideologias” (VIANA, 2016, p. 138). Entendemos aqui, a ideologia como um falso pensamento, uma inversão da realidade, tal como elaborado por Marx e Engels (2002). A ideologia é, portanto, uma falsa consciência sistemática da realidade,

Ela surge com o processo de divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, tal como colocou Marx e Engels. É quando surgem os intelectuais enquanto grupo social especializado, é que nasce a ideologia. A especialização no trabalho intelectual é condição de possibilidade para a ideologia. O ideólogo, livre do trabalho manual, pode pensar que as ideias são autônomas, independentes de sua base real, concreta, social. E, assim, o especialista no trabalho intelectual, o ideólogo, pode se lançar ao mundo das ideias e constituir um edifício gigantesco que é de difícil acesso para aqueles que não possuem tempo para se dedicar a estudos e pesquisas e compreender o discurso ideológico. A filosofia grega, por exemplo, é uma manifestação de um pensamento complexo que era praticamente inacessível para a maioria da população (VIANA, 2019).

Nos movimentos sociais, uma das fontes de reprodução de ideologias são os intelectuais, que possuem responsabilidade na produção e reprodução cultural e que assim repassam ideologias ou ideologemas,

A presença das ideologias nos movimentos sociais se deve ao capital comunicacional (especialmente o capital editorial) e ao aparato estatal comunicacional e educacional (as universidades, mas também o capital educacional, ou seja, as empresas capitalistas de educação). O aparato estatal com seu financiamento de pesquisa, regularização (legislação, etc) do processo educacional (do ensino superior e dos outros níveis de ensino que acabam reproduzindo, mesmo que sob forma simplificada, as ideologias dominantes) é um dos mais fortes reprodutores das ideologias dominantes e vigentes. As fundações nacionais e internacionais são outras fontes de financiamento e imposição das ideologias hegemônicas e vigentes (VIANA, 2016, p. 140).

No que se refere ao movimento social das mulheres, especificamente, logo se pensa em feminismo e não em movimento feminino, gerando assim, uma indistinção entre ambos. A distinção entre movimento feminino e feminismo, apesar de não ser muito conhecida, é antiga, sendo Clara Zetkin a primeira a realizar explicitamente essa distinção, demonstrando que na história surgiram dois movimentos das mulheres, sendo que o primeiro surge na época



das revoluções burguesas e desenvolvimento da industrialização, enquanto que o segundo surge com a incorporação massiva das mulheres ao mercado de trabalho, à atividade produtiva e não somente à reprodutiva, após a Segunda Guerra Mundial, (OPEEN, 2018). Há também a distinção feita por Alexandra Kollontai, onde o “feminismo” aparece como expressão das mulheres burguesas contrapondo o movimento das mulheres trabalhadoras:

O mundo das mulheres é dividido – como é a dos homens – em dois campos. Os interesses e as aspirações de um grupo de mulheres se aproximam à classe burguesa, enquanto o outro grupo tem ligações estreitas com o proletariado, e suas demandas para a libertação cobrem uma solução completa para a questão das mulheres. Assim, embora ambos os lados sigam o tema geral de "libertação das mulheres", os seus objetivos e interesses são diferentes. Cada um dos grupos parte inconscientemente dos interesses de sua própria classe, o que dá um colorido específico de classe para os objetivos e tarefas definidas para si.

Outra distinção é a que trata o feminismo como uma produção intelectual (doutrina, ideologia), considerando-o como uma ramificação do movimento feminino, e não ele em sua totalidade (VIANA *apud* GOMES, 2017). A formação do movimento feminino ocorreu durante um longo processo histórico, e se desenvolveu sob diversas formas. Nesse sentido, apesar de muitos autores considerarem o movimento feminino homogêneo e singular, ele é, na verdade, heterogêneo e possui ramificações com variações em suas manifestações, ideologias e doutrinas concorrentes. Portanto, não podemos confundir o movimento social em sua totalidade com as diversas concepções, ideologias, organizações, tendências que surgem no seu interior, ou seja, não podemos confundir o movimento feminino com sua ramificação, o feminismo – uma produção intelectual que, apesar de estar ligado ao movimento das mulheres, tem variações em suas manifestações, possuindo inúmeras ideologias e doutrinas concorrentes, se dividindo de acordo com o paradigma e ideologias hegemônicas da época em que cada ideologia é produzida (GOMES, 2017).

O movimento feminino é, portanto, um movimento social, que tem como grupo social de base as mulheres. Este, por sua vez,

é caracterizado pela mobilização das mulheres (através de diversas formas: produção intelectual, manifestações, reivindicações sob diversos meios, se manifestando contra determinadas situações específicas, como a inexistência do voto feminino, a liberdade corporal, a desigualdade no trabalho, a opressão, o sexismo, etc.), mostrando sua insatisfação em relação a determinada situação social específica e desenvolvendo senso de pertencimento e objetivos, elementos constitutivos dos movimentos sociais (GOMES, 2017, p.156).

No entanto, ele não possui homogeneidade, está dividido em classes sociais, sendo composto por mulheres das classes privilegiadas, bem como por mulheres trabalhadoras. Além disso, suas organizações e tendências defendem as mais variadas ideias, a saber: “liberais”, “radicais”, “existencialistas”, “marxistas”, “anarquistas”, “socialdemocratas” etc.

Algumas dessas ramificações, sobretudo aquelas das classes privilegiadas, conseguem mais espaço tanto nos meios oligopolistas de comunicação quanto nos meios acadêmicos, e é neste contexto que o feminismo ganha destaque e hegemonia, criando ideologias divisionistas e favoráveis à fragmentação, dividindo ainda mais as mulheres. Deste modo, o feminismo pode ser definido, ainda que de forma provisória, como uma

Concepção ambígua (que pode se manifestar sob a forma de ideologia, doutrina ou representações) que diz representar os interesses das mulheres como grupo social, ou seja, como um todo. A ambiguidade do discurso feminista se revela no fato de dizer representar os interesses de todas as mulheres, mas representar, no fundo, interesses individuais, setoriais ou das mulheres de determinada (s) classe (s) social (is) (GOMES, 2017, p. 158-159).

O que temos, portanto, são dois movimentos de mulheres (burguesas e proletárias), cada uma com sua lógica própria, mas que ainda se vêm confundidos em um só. A ideologia feminista tem sido muito útil para a burguesia, pois oculta a origem do poder de classe, do Estado, da mais-valia, enfim, daquilo que mantém as estruturas de opressão: a organização da exploração (OPPEN). Apesar de estar ligado ao movimento das mulheres, o feminismo se diversifica em suas manifestações, tendo inúmeras ideologias e doutrinas que, por sua vez, são realizadas pelas mulheres da classe intelectual e outras classes próximas. Sendo assim, não existe e não pode existir unidade entre movimento feminino e feminismo; não é possível falar em um movimento unitário (só de mulheres) em uma sociedade dividida em classes sociais.

Ao fazer a distinção ente movimento feminino e feminismo é possível superar equívocos que consideram as lutas femininas, históricas e concretas, como sendo “feminismo”.

As feministas buscam a igualdade perante a sociedade de classes existente, de nenhuma maneira atacam a base desta sociedade. Elas estão lutando por privilégios para si, sem comprometer as prerrogativas e privilégios existentes. Não acusamos que as representantes do movimento de mulheres burguesas não entendem o problema, sua visão flui inevitavelmente da sua posição de classe (KOLLONTAI, 2018).

Apesar das exigências aparentemente radicais feministas, não se deve perder de vista o fato de que as feministas não podem, devido à sua posição de classe, lutar pela transformação fundamental da estrutura econômica e social contemporânea, sem a qual a libertação das mulheres não pode ser concluída (KOLLONTAI, 2018).

O feminismo se apresenta como um fenômeno cultural ideológico, ambíguo e essencialmente reformista, que diz representar os interesses das mulheres em geral, quando, na realidade, é defensor dos privilégios de sua classe. Sua relação com o movimento feminino é, portanto, de influência ideológica, tendo mais sucesso com as mulheres das

classes privilegiadas e classes auxiliares, mas que acaba convencendo e influenciando, ainda que em menor grau, as mulheres das classes desprivilegiadas e seu movimento (GOMES, 2017).

No fundo, o feminismo acaba sendo uma correia de transmissão do paradigma hegemônico e das ideologias derivadas dele no interior do movimento feminino. Sem dúvida, isso não é feito apenas indiretamente, pois existe toda uma política cultural, financiamento de pesquisa, processos de formação (e políticas educacionais) no sentido de realizar esse processo persuasivo no sentido de afastar as mulheres da luta proletária. Desta forma, ele também pode ser considerado um meio de cooptação de mulheres, que é efetivado por determinados governos, ou meio de aparelhamento, que é realizado por determinados partidos (GOMES, 2017, p. 162-163).

Por fim, conclui-se que é necessário um movimento feminino autônomo e independente do feminismo, no qual os interesses de classe estejam acima dos interesses particulares, pois é somente através da transformação social total, que as mulheres, em particular, e a humanidade, em geral, poderá se libertar.

A emancipação humana integral de todas as mulheres depende, portanto, da emancipação social do trabalho; o que só pode ser realizado pela luta de classe contra a exploração, por parte da maioria. Portanto, as mulheres socialistas se opõem fortemente à crença das mulheres burguesas de que seus direitos são os direitos das mulheres de todas as classes e [que] por isso deve ser um movimento apolítico, neutro, exclusivamente pelos direitos das mulheres (OPPEN, p.107).

O sujeito social da libertação das mulheres, bem como de toda a humanidade, é, portanto, a classe trabalhadora em seu conjunto. Somente em um mundo organizado por novas relações sociais e de produção, é que as mulheres poderão ser verdadeiramente livres e iguais.

REFERÊNCIAS

- CRISPIN, Jessa. **Por qué no soy feminista: Un manifiesto feminista**. Madrid: Lince, 2016.
- GOMES, Marcus. Movimento Feminino e Feminismo. **Movimentos Sociais**. Vol. 02, num. 03, jul/dez. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/rms/article/view/06gomesms03> Acesso em: 10 agosto 19
- KOLLONTAI, Alexandra. Os Fundamentos Sociais da Questão Feminina. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1907/mes/fundamentos.htm> Acesso em 14 agosto 19
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Martin Fontes. São Paulo, 2002.
- OPPEN, Florence. **O Feminismo como Ideologia Reformista**. Disponível em:



<<http://victorquiroga63.blogspot.com/2015/11/el-feminismo-como-ideologia-reformista.html>>

Acesso em: 14 agost 19

VIANA, Nildo. **Os movimentos sociais**. Editora Prismas. Curitiba, 2016.

VIANA, Nildo. **Cérebro e Ideologia: Uma Crítica das Ideologias do Cérebro**. São Paulo: Paco, 2011. Disponível em: <<https://informecritica.blogspot.com/2019/07/a-forca-da-ideologia.html>> Acesso em: 15 agost 19



ZETKIN, Clara. **El Movimiento de Mujeres Socialistas de Alemania**. Disponível em:

<<http://archivo.juventudes.org/textos/Clara%20Zetkin/clara%20zetkin.%20Mujeres%20socialistas%20Alemania.pdf>>

**5º SIMPÓSIO
DA FACULDADE DE
CIÊNCIAS SOCIAIS**



11 a 13 de SETEMBRO de 2019
CAMPUS SAMAMBAIA, GOIÂNIA - BRASIL

**Democracia
e Direitos Humanos:**
crises e conquistas

